

# Eletrodomésticos afetados podem ser recuperados

Para evitar choques, limpeza deve ser feita com extrema cautela

/ CLIMA

Cássio Fonseca  
cassiof@jcrs.com.br

Sem tempo para se planejar, os afetados pela enchente precisaram evacuar suas casas apenas com a roupa do corpo. Em meio a dor e sofrimento, está a expectativa dessas pessoas de voltar às suas residências e avaliar os danos causados pelas cheias. E, ao contrário do que se pode pensar, nem tudo estará perdido.

No caso de eletrodomésticos e eletrônicos, um combinado de fatores define sua vida útil, passando pelo tempo submerso até o processo de lavagem e secagem dos aparelhos. Conforme o coordenador do curso de Engenharia Elétrica da Escola Politécnica da Pucrs, Odilon Duarte, os equipamentos de maior porte, como geladeiras e máquinas de lavar, têm mais chances de recuperação. A limpeza pode ser feita, inclusive, com lava-jato.

Produtos menores também não têm a perda total como via de regra. Proprietário de uma loja especializada no reparo de micro-ondas e televisores, Jairo Meinhardt detalha o processo para a recuperação: “se tiver lodo e outro tipo de sujeira, tem que fazer uma limpeza profunda das peças, com o uso de água corrente. Depois, o mais importante é deixar secar bem”.

No entanto, para evitar des-



Processo de secagem dos aparelhos é determinante para recuperá-los

cargas elétricas tudo deve ser feito com extrema cautela, conforme destaca Duarte: “precisamos considerar o risco que as pessoas estão correndo com um sistema energizado. Água e eletricidade nunca se deram bem. Ao conectar à tomada, o ideal é que a pessoa utilize uma luva ou algum outro tipo de isolamento”.

Mesmo com a possibilidade de recuperação dos dispositivos, o cenário não é de otimismo na maior parte dos casos. Ainda que alguns resistam mais à umidade, a sujeira que acompanha a água é um agravante. “Vai ser bem difícil recuperar os eletrodomésticos dada a questão do estado da água. Mesmo que ela não tenha a presença de esgoto, está muito turva, então vem muito barro, que vai se im-

pregnando nas partes metálicas e no sistema de isolamento térmico”, afirma o professor.

Em regiões cujo avanço da enchente foi crítico, a expectativa é pior. É o caso do Centro Histórico, em Porto Alegre. Em comércios como o Mercado Público, no qual as bancas possuem sistemas de refrigeração e aquecimento, as chances de recuperação são mínimas.

Outro ponto de atenção é com os sistemas de fiação e seu possível comprometimento. Aqueles que precisaram deixar suas residências devem ter atenção à estrutura geral. Tomadas podem ter um curto-circuito, inviabilizando o teste dos aparelhos e aumentando as chances de choque. Nesse caso, Duarte enfatiza a necessidade de contar com um profissional.

## Com a chegada do frio, abrigos precisam de cobertores

Maria Amélia Vargas  
mavargas@jcrs.com.br

Com a queda das temperaturas no Rio Grande do Sul - Porto Alegre amanheceu com 10°C ontem -, as necessidades nos abrigos que recebem os atingidos pelas enchentes têm mudado. Agora, entre os artigos mais necessários, estão cobertores. As demais demandas continuam iminentes.

No colégio Santa Doroteia, que atualmente abriga aproximadamente 190 pessoas, há necessidade de roupas de inverno, como casacos quentes para adultos, mantas de pescoço, luvas de frio e toucas.

Especificamente, o local precisa de tênis (tamanhos 43, 44 e 45), roupas plus size feminina (a partir do G3) e masculina (58 e 60+), capa de chuva resistente, calça de moletom (GG e G). Também necessita de itens de alimentação como feijão, macarrão, farinha de trigo, azeite, frutas, café solúvel, sal e farinha de polenta, além de sacos de lixo fortes (100L e 200L) e malas de viagem.

No Centro Logístico da Defesa Civil Estadual, além dos cobertores, são recebidos colchões (novos ou em bom estado de conservação), roupas de cama, roupas de banho, água potável, ração animal, cestas básicas fechadas, fraldas infantis e geriátricas.

Para as cestas básicas, são solicitados arroz, feijão, macarrão, açúcar, farinha de trigo, café, sal, óleo, biscoito, achocolatado, leite em pó e enlatados (atum, sardinha e legumes). Os itens de limpeza pedidos são lu-

vas, botas de borracha, baldes, panos, vassouras (com cabo), rolos (com cabo) e escova de limpeza. Se possível, a administração solicita que sejam feitos kits de limpeza: um litro (pelo menos) de água sanitária, um litro de desinfetante, um quilo de sabão em pó, 500 ml de detergente líquido, esponjas e panos de limpeza.

Para os kits de higiene pessoal são necessários escovas de dente, creme dental, sabonete, desodorante, shampoo, pacote de absorventes femininos, aparelho de barbear e rolos de papel higiênico. Não estão sendo recebidas roupas, calçados, móveis e utensílios domésticos.

Sensibilizada pela situação das milhares de pessoas que estão em alojamentos desde o início das enchentes no Estado, a população gaúcha está empenhada em ajudar. As doações, que chegam em grande quantidade, são recebidas em diversos pontos do Estado e distribuídas pelos abrigos.

Na busca por centralizar as informações, o governo gaúcho criou a plataforma SOS Rio Grande do Sul, com endereços e as principais necessidades dos mais de 400 abrigos cadastrados na iniciativa. Interessados em se cadastrar como voluntário no sistema, podem acessar o site e preencher o formulário.



## Grêmio reativa Estádio Olímpico como novo centro de distribuição de doações

Gabriel Dias  
gabriel.dias@jcrs.com.br

Mais de uma década após o último jogo oficial, o Estádio Olímpico Monumental, que sediou jogos do Grêmio por quase 60 anos, voltou a ser um importante ponto dentro do bairro Azenha, em Porto Alegre. O local que costumava receber grandes festas da torcida tricolor, hoje serve a um propósito maior que o futebol: a solidariedade. O clube reativou sua antiga casa e transformou as estruturas remanescentes em um centro de arrecadação e distribuição de doativos para as vítimas das enchentes que atingem o RS.

No Olímpico, funciona uma operação em massa para lidar

com as demandas e as necessidades das pessoas afetadas. Todos os dias, cerca de 40 funcionários do clube e mais 40 voluntários chegam às 8h e saem às 22h, recebendo e transportando 600 toneladas de alimentos, roupas e medicamentos. Grande parte das doações vem de estados como São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais.

O espaço onde um dia foi a loja oficial gremista, hoje é o coração da operação. A triagem dos mantimentos e dos voluntários é realizada no local, em parceria com a Secretaria Municipal da Saúde, que encaminhou Agentes de Combate a Endemias para auxiliar.

Segundo Gabriel Mello, conselheiro do Grêmio e voluntário, a

organização é o ponto chave para o funcionamento das atividades. “Recebemos muitas doações por dia. O esforço que o clube está fazendo é organizar para maximizar o tempo das pessoas e fazer o melhor trabalho possível”, disse.

O Tricolor designou outros pontos para coleta de doações, mas notou que o estádio recebeu um fluxo maior de voluntários e donativos. “Acreditamos que o engajamento extra se deu exatamente por ser no Olímpico. Muitas pessoas relatam que o local traz nostalgia e muitos estão curiosos com a reabertura do estádio. A sensação que dá com esse movimento todo é que estamos em dia de jogo novamente”, aponta.

O diretor do Departamento



Mais de 80 voluntários recebem, ao dia, 600 toneladas de doações

de Responsabilidade Social, Luiz Jacomini, afirma que a centralização dos esforços na Azenha fez com que as atividades fossem agilizadas. Juntamente com a Faculdade de Agronomia da Ufrgs, o

Grêmio abriu um heliponto provisório ao redor do estádio para receber e entregar mais doações. Além da via aérea, caminhões saem do local com destino aos abrigos da capital gaúcha.